



## Por Dentro da Reportagem: A Prática Investigativa no Jornal “O Dia”<sup>1</sup>

Marcelo ALVES<sup>2</sup>

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

### RESUMO

Um dos modelos de Jornalismo Investigativo praticados pela imprensa carioca pode ser observado na série de reportagens *Dossiê Milícia* publicada pelo jornal *O Dia*. Construída a partir da inquietação do jornalista João Antônio Barros, em parceria com Thiago Prado, a série, vencedora de prêmio, mexeu com a estrutura das milícias que agem no Município do Rio de Janeiro. Através de fotografias, certidões e outros documentos os jornalistas fizeram uma devassa na vida de alguns dos líderes desses grupos paramilitares. Descobriu-se que o faturamento dos chefes dos bandos chega a centenas de milhões com a exploração do serviço de gás, vans, TV a cabo e compra de mansões em bairros nobres. Para manter esse status os milicianos chegaram à Câmara de Vereadores, fazendo parte do poder estatal da cidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Newsmaking; Etnografia; Jornalismo Investigativo.

### Introdução

Garantir a presença de um pesquisador dentro da redação de um periódico no Rio de Janeiro é uma tarefa árdua. Para que isso pudesse ocorrer foi necessário um bom tempo de insistência, troca de e-mails, pedidos e mais pedidos. Somente com o passar do tempo é que passaram a ter mais confiança no pesquisador e a se acostumar com a presença do mesmo na redação.

Dessa forma, o modelo escolhido para justificar a presença do pesquisador juntos à redação com as quais dialoga está baseado no modelo etnográfico estabelecido por Clifford Geertz. A partir dos pressupostos contidos no conceito de *Descrição densa*, o pesquisador faz uma imersão no ambiente com o qual deseja estabelecer algum tipo

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Recém-graduado em Jornalismo na PUC-RIO: marceloifch@yahoo.com.br



de estudo, no caso da redação do jornal *O Dia*. Esta é a base da chamada *Teoria do Newsmaking*.

O processo de construção de uma reportagem como afirma a *Teoria do Newsmaking*, está condicionada ao valor notícia atribuído a um dado acontecimento Wolf (2002). São diversos os critérios de noticiabilidade que estão envolvidos na produção jornalística, sendo um dos mais relevantes a política editorial do jornal, dos interesses e das necessidades das empresas jornalísticas, bem como da comunidade profissional dos jornalistas. Não trataremos aqui diretamente os critérios de noticiabilidade que estão envolvidos na produção dessa série, este aparecerá aqui de forma transversal. O trabalho se detém a apresentar os processos de construção da reportagem investigativa, uma descrição do campo.

Metodologicamente foi escolhida a série de reportagens do jornal *O Dia* (*Dossiê Milícia*) como forma de apresentação da pesquisa etnográfica que vem sendo realizada junto às redações dos principais jornais do Rio de Janeiro, intitulada “*Crítérios de Noticiabilidade no Jornalismo Investigativo*”, sob orientação do professor Leonel Aguiar e fomentada pelo *CNPq/PUC-RIO*.

Para a construção deste texto foi levado em conta o processo produtivo que levaram a publicação da reportagem, desde o surgimento da pauta até a publicação. Principalmente a forma como se deu o trabalho da equipe formada pelos jornalistas investigativos João Antônio Barros e Thiago Prado, do jornal *O Dia*. Foram vários encontros com o jornalista. Acompanhamento de reunião de pauta (para matérias do mesmo gênero, ou seja, denúncia contra milicianos) e reconstrução do caminho percorrido pelos jornalistas para se chegar à reportagem como aquela que saiu às bancas.

Percebe-se brevemente que por produzir grande efeito junto ao público leitor, traz benefícios não somente para a carreira do jornalista que a produz quanto para o jornal. O jornalista fica famoso e passa a ser reconhecido por seus parceiros de profissão e o jornal tem a sua tiragem de venda aumentada. Geralmente esse tipo de publicação constitui bom retorno financeiro para o jornal.

Essa maneira de se fazer jornalismo teve grande impacto nas mídias impressas mundiais após a Segunda Guerra Mundial, especialmente dentro do contexto de “Guerra Fria”. Chamado de jornalismo democrático, seu divisor de água foi o caso Watergate, que levou à queda do presidente norte americano Nixon.



A imprensa investigativa, por princípio, não se limita a ser intermediária entre os canais oficiais de informação e a opinião pública. Não reproduz releases e comunicados. Questiona versões oficiais dos acontecimentos. Instala dúvidas nas versões oficiais e indaga fatos ocultos.

Em campo percebe-se que as reportagens são construídas levando-se em conta as rotinas produtivas da cada periódico. Ajudam a construir a realidade social, quando utilizam fontes diversas, selecionam documentações, entrevistas e armazenagem tentando dar um sentido lógico ao apurado.

As relações entre o profissionalismo, a hierarquia e a exaustiva testagem dos dados investigados, garantem o sucesso deste processo de construção de uma reportagem. Esse fato pode ser verificado através do grande número de prêmios que essa série de reportagens ganhou por escolha da própria comunidade jornalística.

### **O jornalismo Investigativo**

Segundo Lage (2004), apesar de toda reportagem pressupor apuração e investigação, a denominação jornalismo investigativo se tornou constante na bibliografia sobre o assunto. De uma maneira sintética, é possível entender o jornalismo investigativo como uma forma de reportagem extensa que exige longo tempo de trabalho na apuração das informações por parte dos repórteres.

Partindo destas características, a notícia investigativa nos parece bastante representativa para a existência do jornalismo. Da pauta ou denúncia, este tipo de matéria jornalística, mostra-se como uma notícia cujo modelo de construção mostra-se evidente. Quando o jornalista dá início a uma investigação, ele reúne os dados de forma lógica, e os testa insistentemente para diminuir as possibilidades de erros.

Sodré e Ferrari (1986) e Kotscho (1996) defendem que a investigação pode até ser iniciada por uma denúncia, porém é no decorrer do processo que ela se consolida se coloca como uma matéria diferente das publicadas no dia a dia. Lage (2004) revela que toda reportagem pressupõe apuração e investigação, mas esta última mostra-se como forma extremada de se criar uma notícia, pois exige longo tempo de trabalho. Os jornalistas Caco Barcelos e Roberto Cabrini (Apud BARONI, S/d) discordam da nomenclatura jornalismo investigativo. Para o primeiro, a expressão não tem sentido. Já que o que está em jogo é a ação do repórter, ele prefere chamar essa denominação de



“jornalismo de ação”. Cabrini questiona o fato de todo o jornalismo já ser, a priori, investigativo e que seria dever do jornalista investigar, desconfiar fugir da normalidade quando o assunto for investigação.

Ambos discordam que o jornalista investigativo deva agir como um policial. Para eles o jornalista vai muito além do que é feito pela polícia. Cabrini porque o jornalismo está inserido no contexto de comunicação de massa, onde as pessoas são motivadas a falar e Barcelos por achar que a polícia brasileira não investiga, somente age com truculência.

Segundo Waisbord (2000), o jornalismo investigativo possui características próprias, sendo caracterizado pela divulgação de informações de alto valor notícia que são de interesse público. As narrativas investigativas constam ações sobre instituições públicas, governamentais, pessoas ou de empresas que tenham valor na sociedade, por poder afetá-la. Para o argentino os tipos de irregularidades envolvendo autoridades e pessoas públicas tornam o jornalismo investigativo como um “cão de guarda” (*watchdog journalism*) da sociedade.

As reportagens e as notícias investigativas são construídas levando-se em conta uma exaustiva apuração dos dados colhidos em campo. Este tipo de reportagem desempenha um papel singular junto à sociedade por, conforme foi exposto acima, ser capaz de vincular a imprensa aos ditames da democracia, a governabilidade e principalmente garantir o acesso de todos os cidadãos s informações que são publicas. Disso depreende-se a sua importância em países como o Brasil.

O experiente jornalista Alberto Dines salienta que se deve separar o jornalismo investigativo daquele que se apoia no sensacionalismo ou jornalismo de escândalo. Para o autor do livro “O papel do jornal: uma releitura” (1986) o jornalismo investigativo relaciona-se com jornalismo interpretativo ou analítico. Ou seja, “*ao inquirir sobre as causas e origens dos fatos, busca também a ligação entre eles e oferece a explicação da sua ocorrência*”.

Lage (2004) compreende o jornalismo investigativo como forma extremada de se realizar uma reportagem. O que significa a necessidade de tempo para a construção da reportagem, investigação e esforço por parte do jornalista. Os americanos James Ettema e Theodore Glasser, citados por Nascimento (2007) trabalham com a mesma ideia. Para eles há distinção entre o jornalismo diário, marcado pelo tempo, *deadline* e jornalismo investigativo mais liberto das amarras do tempo.



No livro *Jornalismo Investigativo*, os autores Lopes e Proença (2002) revelam que o jornalismo investigativo possui dois pontos fundamentais: a busca da verdade oculta e o juntar de cacos da realidade e estabelecer uma relação entre os mesmos. Para eles o jornalismo investigativo é considerado gênero nobre no jornalismo, colocando-se como trunfo da imprensa democrática.

A proposta básica do jornalismo investigativo é reconstruir acontecimentos importantes, promover reformas, expor injustiça, desmascarar fraudes, divulgar o que poderes públicos querem ocultar, mostrar como funcionam esses organismos e informar eleitores sobre políticos e suas intenções e atuações.

Os autores se baseiam em três elementos para caracterizar o jornalismo investigativo. O primeiro diz respeito à investigação. Para ele o jornalista deve ter realizado a investigação constante no texto final. Seguindo, a investigação deve se ater aos valores-notícia interesse público, contrapondo-se a interesses determinados. Por último, a existência de pessoas ou instituições em manter certas informações ocultas, fazendo com que o jornalista busque a verdade que há por trás dos fatos.

O jornalismo investigativo, pelos motivos expostos acima, é composto por princípios. Muitos jornalistas experientes do Brasil discorrem sobre essa modalidade de informação. Para Ricardo Kotscho (1996) o jornalismo investigativo “deve procurar descobrir e contar para todo mundo aquilo que se está querendo esconder da opinião pública”. Alberto Dines é enfático em dizer que cabe ao jornalismo investigativo indagar a origem e a causa dos fatos. Buscar ligação entre eles e encontrar a explicação de sua ocorrência.

Na década de 1980 o manual publicado pela *Investigative Reporters and Editors* (IRE), considerada a maior entidade do gênero elencava três pré-requisitos para que uma reportagem seja considerada investigativa. Para a instituição, a investigação deve ser trabalho do repórter, o tema deve ter importante para o público leitor e o assunto deve ser sobre algo sigiloso, ou seja, escondido do público.

O argentino Daniel Santoro (2004), citado por Nascimento (2007) define jornalismo investigativo também baseado em três pré-requisitos. Ele ressalta que a reportagem deve: ser realizada pelo jornalista e não pela justiça, polícia ou particulares, superar os obstáculos daquilo que está escondido e tratar de temas que tenham o valor-notícia interesse público como principal norte.

Os autores Kovach e Rosenstiel (2005), vão mais longe. Além das características das reportagens investigativas, eles afirmam a existência de três tipos distintos. A



primeira, chamada de reportagem investigativa original, tem o repórter como principal mediador entre os fatos apurados e o texto construído. É um tipo de reportagem onde se podem usar táticas de investigação policial, ida a campo, consulta a documentos públicos e informantes.

A segunda classificação, reportagem investigativa interpretativa, tem fortes semelhanças com a investigação clássica, porém diferencia-se por não se ater a fatos ocultos. Baseia-se em ligar os fatos conhecidos a novas abordagens. Assim a reportagem investigativa interpretativa liga-se a uma reflexão e análise de uma ideia, bem *“bem como a busca obstinada dos fatos para reunir informação num novo e mais complexo contexto, o qual fornece ao público um melhor entendimento do que acontece”*.

Por fim, tem-se a reportagem sobre investigação, nesse a investigação passa a ser tema da reportagem. São matérias jornalísticas que se põe a acompanhar as investigações em andamento. A reportagem se origina da descoberta ou vazamento de informação de uma investigação oficial.

Ao encontro dessas classificações, o jornalista William Waak, citado por Baroni (S/d), ganhador de dois *Prêmios Esso*, defende que o jornalismo investigativo, pode ser realizado por dois tipos: calcado na História, em arquivos ou em fatos vivos. Segundo a mesma autora, para Waak a matéria investigativa pode realizar o papel de aumentar o conhecimento dos cidadãos, de ser *“capaz de retratar um microcosmo, revelando a partir do microcosmo uma realidade social muito mais ampla que contribui para aumentar a contextualização e o conhecimento a respeito de determinados fatos”* (WAAK, 2003:152 apud BARONI, (s/d)).

Voltando a Lopes e Proença (2002) além de conceitos, definições tipificações também circundam ao jornalismo investigativo as técnicas próprias e personalidade do profissional jornalista. Como técnica os autores se apoiam na busca de documentação que respalde hipóteses previamente sugeridas. Ida a campo. Observar diretamente um fato, perguntar e testemunhar são muito importantes. Entrevistar pessoas envolvidas diretamente nos casos, criar aproximações e a confiança da fonte.

No que diz respeito à personalidade, cabe ao jornalista ter paciência e ser persistente. Ser questionador, perguntar sempre o *“por que”* das coisas, gostar de pesquisar e estudar muito um determinado assunto, além de estar sempre atento ao que acontece ao redor.



Outro fator importante para a reportagem em série é a relação entre o jornalista e suas fontes. Pode-se depreender que nas reportagens analisadas para a execução desta monografia que torna-se imprescindível, para se testar e verificar a denúncia, o contato do profissional com suas fontes. Através destas pode-se criar todo um artifício para se comprovar ou não uma dada especulação.

### **Apresentando a produção da reportagem investigativa**

Boa parte das matérias baseadas em grandes processos de investigação tem em comum o fato de ser provocada por algum elemento externo, seja uma notícia, reportagem ou séries. Há algo que incomoda o jornalista, uma fala, entrevistas ou denúncias. Porém ao surgir a pauta investigativa, esta é diretamente negociada, em sigilo, com os editores. O sigilo é o grande segredo do sucesso de intensa investigação.

Ele garante uma boa preparação, organização, diálogo com as hierarquias e, principalmente, que a reportagem atinja seu objetivo, a denúncia. “Até mesmo um colega de redação ao comentar com alguém sobre a investigação pode levá-la à ruína” comenta João Antônio Barros, o jornalista com mais *Prêmios Esso* do jornal *O Dia*.

Foi dessa forma que João Antônio Barros, na manhã do dia 8 de julho de 2008, abalou as estruturas da cúpula da máfia das milícias no Rio de Janeiro. Nessa data o jornal *O Dia* dava início a série *Dossiê Milícia*, uma complexa e completa reportagem sobre a existência e atuação de grupos paramilitares na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro. Depois de meses de muita investigação, negociação com os setores hierárquicos, anotações, diálogo com o setor jurídico, entrevistas, confrontos documentais e fotografias dos envolvidos chegou às bancas um dos melhores trabalhos daquele ano.

As investigações produzidas pelos jornalistas descobriram a produção ilegal de cifras milionárias. Com a exploração dos transportes público, da venda de botijões de gás, do sinal de TV e Internet o lucro anual chega à casa da centena de milhões por ano. Desses a maioria são adquiridos através dos transportes e o restante a partir da distribuição ilegal do sinal de TV e botijões de gás.

Somente na edição 20.474 foram cinco páginas de denúncias. Na parte superior da capa, no canto direito, vinha um logotipo que percorreria todas as edições. O desenho de um alvo com o nome da série partindo do meio. Essa marca facilita o entendimento do leitor fazendo com que o mesmo entenda se tratar de uma série, incentivando-o a ler



as outras edições. Pode-se dizer que as mais de 20 páginas publicadas durante os meses de julho e início de agosto foram exemplos de como se fazer um bom jornalismo. Após a denúncia do jornal *O Dia*, houve uma mobilização por parte das autoridades, desde criação de uma Comissão de Inquérito Parlamentar (CPI) na Assembleia até investigações na Polícia Federal.

A primeira edição estampava o título: “*O Dia revela a vida de rei dos acusados de chefiar milícia*”. Trazia, ainda, boxes com temas que seriam tratados no desenrolar da matéria. “*Venda na cadeia: mesmo preso em Bangu oito, o vereador Jerominho fez uma negociação imobiliária de R\$ 230 mil*”. “*Ouro na Barra: suspeito de ligação com milícia de Rio das Pedras, PM integra a elite do condomínio de luxo Golden Green*”. “*PM pilota lancha: policial e vereador de São Gonçalo curte a vida adoidado na Baía de Angra*”. “*Barão do funk: Bombeiro tem fazenda, mora em apartamento de R\$ 500 mil na Barra e vive tórrida paixão com funkeira*”.

A série começou após a publicação do assunto “milícia” por diversos jornais. “Nada que fosse profundo, sabia que poderia ser muito mais profunda, tinha muito mais coisas por debaixo dos panos”, contou Barros. E assim foi feito.

O primeiro passo foi à realização de um levantamento dos principais suspeitos e acusados de pertencer à rede de milicianos. Com a lista pronta fez-se uma verdadeira devassa na vida desses homens. Cada nome que aparecia foi colocado em pastas separadas. Tudo que era encontrado sobre uma determinada pessoa era guardado em sua respectiva pasta.

Descobre-se Cadastro de Pessoa Física (CPF), Identidade, local de moradia, origem social, e emprego. A maioria era funcionário público. A lista inclui policiais, bombeiros e ex-agentes, todos investigados pela Secretaria de Segurança do Rio de Janeiro por comandar grupos paramilitares que dominam na atualidade pelo menos 72 favelas no Rio de Janeiro, principalmente na zona oeste.

Os levantamentos feitos nos cartórios de registro de imóveis do Rio revelaram que muito dos acusados viviam em verdadeiras mansões e eram vizinhos de personalidades como os jogadores Romário e Ronaldo – “O fenômeno”. Os milicianos passariam despercebidos se não fosse à discrepância entre o salário que ganham como funcionários públicos e o valor de seus imóveis.

Muitos desses estavam registrados nos órgãos competentes em nome dos próprios personagens investigados pela polícia por pertencerem ao grupamento



paramilitar. Outros, porém utilizavam laranjas, nomes e endereços fantasmas. Barros utilizou-se intensamente da rede mundial de computadores.

Através da social Orkut o jornalista teve acesso às fotos de alguns investigados. Como o acesso somente era permitido aos amigos da rede, o jornalista fez um perfil com um nome fictício. Tendo feito isso pediu para o miliciano Cristiano Girão o aceitar como amigo. Com o sim do mesmo o jornalista teve acesso à boa parte das fotos que o incriminavam como passeios de lancha por Angra dos Reis, luxo, riqueza que seu salário não pagaria.

Cristiano Girão era conhecido como “rei” das danceterias, adorava a noite e as casas noturnas da Barra de Tijuca. Após lançar-se em candidatura foi eleito vereador, tomou posse e, meses depois foi preso dentro da câmara por pertencer à milícia o bairro Gardênia azul e ter vida de milionário com apartamentos de luxo à beira mar, mansões, fazenda e gado, carrões importados e à prova de balas e iates.

Nos textos publicados ficou claro que a maioria dos envolvidos gostava de ostentar poder por ter a nítida certeza de impunidade. A maioria dos [já criminosos] permaneceu no poder das milícias por mais de uma década. Grande parte residia no mesmo bairro, a Barra da Tijuca. Somente o PM Dilo Pereira Soares Júnior comprou um apartamento, em 2008, que vale mais de dois milhões e fica em um dos metros quadrados mais caros do Rio de Janeiro. O apartamento que só o valor da entrada foi 300 mil prometia vista para praia, lagoa e Pedra da Gávea.

Um dos casos mais inusitados que os jornalistas se depararam durante a exaustiva investigação foi o do ex-policial “Enio” que mesmo expulso da corporação foi capaz de comprar um apartamento de mais de duzentos e cinquenta mil reais. De acordo com a documentação encontrada, consta que no 6º Ofício de Distribuição, “Enio” mantém uma casa na Rua Lucio Alves, na *Favela do Catiri*, comprada em 2004. Ainda de acordo com os registros encontrados, o ex-sargento já fora dono de um imóvel na Avenida DW, no Recreio, outra área nobre da cidade, mas o vendeu um mês antes da compra do apartamento na Estrada do Pontal, no mesmo bairro.

Na Junta Comercial e no Cartório de Pessoa Jurídica do Rio de Janeiro os chefes das milícias aparecem registrados como profissionais de sucesso. Somente Girão, possui no bairro onde atua, um Lava a jato, o Mister M Ltda, que faturava oficialmente R\$ 26 mil por ano. Com a descoberta pela Cedae de uma ligação clandestina de água estimulou-se que o faturamento seria o dobro do declarado. Mas as empresas que mais traziam lucros para o bombeiro eram a C. Fort Lajes e Girão madeiras que chegaram a



lucrar mais de R\$ 300 mil (o que foi declarado) em 2006. Os empreendimentos do militar chamaram a atenção da Polícia Federal (PF) que passou a investigar se as empresas eram usadas para lavagem de dinheiro.

A investigação do jornal *O Dia* descobriu, ainda, uma empresa credenciada para ser uma *factoring*, mas que praticava agiotagem. A *Areal Cred*, criada em 2004, na favela Rio das Pedras, pelo major Dilo Soares e o sargento reformado Dalmir Pereira faturou cerca de R\$ 50 mil (declarado) somente em 2007. É bem provável que essa cifra seja bem maior, porque segundo um morador endividado com a financeira e que não quis ser identificado, “Lá não tem SPC. Se não pagar, não fica com crédito sujo. Morre”.

A série Dossiê Milícia mostrou que milicianos do Rio de Janeiro desfrutavam de uma vida de luxo. A equipe de reportagem se dedicou por três meses a fazer um levantamento completo dos investigados pela Secretaria de Segurança. Foram analisadas desde a pauta até a publicação da matéria 131 certidões de 22 cartórios de registro de imóveis. Os jornalistas cruzaram informações próprias com dos disponíveis em órgãos como o Serasa, Corregedoria da PM, Detran, na Prefeitura do Rio, Bombeiros, Tribunal de Justiça e Junta Comercial, além de visitar imóveis na capital e no Interior.

As reportagens no *O Dia* são assinadas e ainda trazem o endereço eletrônico dos autores. As caixas de e-mail de João Antônio Barros e Thiago Prado ficaram lotadas. Desde agradecimentos, passando por novas denúncias até ameaças.

Através de fotografias, depoimento em delegacias, e relato dos próprios moradores, as favelas teriam “donos” e que se deveria fazer o que eles desejavam. Após serem julgados pelos “donos do poder” muitos moradores eram mortos ou expulsos. A família era obrigada a fugir para também escapar da morte. Roupas, músicas, funcionamento do comércio local, tudo é imposto com base na lei do mais forte. Pode-se dizer que as favelas foram transformadas, ao longo dos anos, em verdadeiros feudos, onde maus policiais, traficantes e milicianos agem como senhores feudais e a população, sem direito algum como vassalo.

### **Considerações finais**

Pode-se afirmar que a série *Dossiê Milícia* possui bons critérios para se tornarem públicas as denúncias a que se propõe. Fazendo-se um levantamento sobre as



reportagens publicadas pode-se registrar que grande parte possui alto valor notícia e grande apelo público. Essas reportagens produziram importante impacto na sociedade ocasionando ruptura na estrutura social em que foram construídas. Muitas denunciam problemas sociais de origem diversas, como tráfico de drogas, de influência, desvio de dinheiro público e crimes hediondos.

Percebe-se que a série foi realizada levando-se em conta uma dinâmica que varia de acordo com a política editorial do jornal. Para o melhor entendimento dos leitores são criados tabelas e boxes contendo explicações e alusão ao que já foi publicado.

Desde a pauta até a publicação, os jornalistas tiveram o apoio incondicional de seus superiores para a construção das reportagens. Lidar com as hierarquias é muito importante para se concretizar uma matéria investigativa. Sem o apoio da chefia não existe reportagem investigativa.

A testagem exaustiva dos dados que foram levantados durante a ida a campo é uma das condições primordiais para o sucesso e diminuição da possibilidade de ocorrência de erros de investigação e abertura de processos contra jornalistas. Muitos profissionais, na ânsia de apresentar o mais breve possível a sua apuração, podem comprometer a qualidade do trabalho.

Os cuidados por conta da construção de matérias investigativas devem-se ao grau de importância dada ao conteúdo da mesma. Quanto mais complexos forem os assuntos investigados maiores devem ser os cuidados com a mesma. Essas reportagens são construções narrativas da realidade, produziram sentido para o leitor.

Depreendemos dessa experiência que todo jornalista que se lança a realizar essa modalidade de reportagem servem de inspiração para os novatos. Já que para se chegar ao status de realizar determinadas investigações somente tendo alguns anos de carreira e que esta seja reconhecida pelos próprios companheiros de profissão.

## REFERÊNCIAS

- BARONI, Maria Alice. **Considerações sobre a redundância na expressão jornalismo investigativo**. SBPJor, Sd.
- DINES, Alberto. **O papel do jornal**.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Ática, 1996.



KOVACH, Bill; ROSENTETIEL, Tom. A verdade: O primeiro e mais confuso princípio. In: **Os elementos do Jornalismo**. O que os jornalistas devem saber e o público exigir. Porto: Porto editora, 2005.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

LIPPMANN, Walter. **Opinião pública**. São Paulo: Editora Vozes, 2002.

LOPES, Dirceu Fernandes e PROENÇA, José Luiz (orgs.). **Jornalismo investigativo**. São Paulo: Publisher Brasil, 2003.

NASCIMENTO, Solano. **Jornalismo sobre investigações: A relação entre ministério Público e a imprensa**. PPG, Universidade de Brasília, 2007.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 2003.